

A função da cor na produção de respostas ao Rorschach até ao final da adolescência*

DANILO R. SILVA¹

RESUMO

Este estudo apresenta sinteticamente os resultados da investigação empreendida sobre o efeito da cor na produção de respostas ao Rorschach, em cinco grupos etários de 5/6 anos, 9/10 anos, 11/12 anos, 15/16 anos e 17/20 anos. Tendo-se verificado que a cor, nos protocolos de crianças, não determina o aumento da produção de respostas que fora verificado por Exner, em amostras de adultos estudantes universitários, o autor propôs-se verificar, por um lado, qual a razão da falta de reacção à cor, em termos de número de respostas, por parte das crianças, e, por outro, em que período etário se operava a alteração do efeito da cor nesse mesmo número. Para o efeito foram usadas a versão estandardizada e uma versão acromática do Rorschach ou, em um dos casos, dos cartões I, VIII, IX e X. A interpretação dos resultados encontrados permite apresentar uma explicação para a falta de reacção à cor, mostrando como a natureza do estímulo cor começa por perturbar, nos primeiros anos, a actividade visuo-perceptiva e, com a entrada no período das operações concretas, a dificultar a actividade de solução de problemas perceptivos que constitui o dar uma resposta ao Rorschach. Esta dificuldade traduz-se, designadamente, pela elevação do número de respostas de Qualidade Formal má e progressiva redução do número de respostas aos cartões coloridos até aos 11 anos, e correspondente aumento aos cartões acromáticos. No que respeita ao período etário em que se verifica o aumento de respostas resultante da presença da cor nos cartões, ele situa-se nos 15/16 anos.

* Conferência proferida no 7º Congreso Iberoamericano de Evaluación Psicológica, Buenos Aires, Agosto, 2009. Estudo empreendido com o apoio do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade de Lisboa (CIPUL)

¹ Universidade de Lisboa

ABSTRACT

This study presents a synthesis of results from a research on the effect of color on the production of responses to the Rorschach Inkblot Method. Five age groups –5/6, 9/10, 11/12, 15/16 and 17/20 years-old– were examined with the standard and an achromatic version of Rorschach or of just Cards I, VIII, IX and X, to find a reason for why color does not imply, in children records, an increase in the number of responses as it is the rule among adults, according to findings by Exner. A second objective of this research was to find at what age level the increasing effect of color on the number of responses takes place. The author presents as an explanation for the lack of reaction to color by children the fact that color has a disturbing effect on the visual-perceptive activity during early years and becomes, at the concrete operational stage, a source of difficulty of solution of perceptive problems this latter being what the act of giving an answer to the Rorschach inkblots consists in. Such a difficulty expresses concretely through the elevation of the number of responses with poor form quality, the progressive reduction of the number of responses to the chromatic cards, and the corresponding increment to the achromatic ones, from 5 to 11 years of age. In what concerns the age period where color determines an increase in the number of responses, it corresponds to 15/16 years-old.

No Rorschach, existem, consoante os autores, diversas propostas de codificação das respostas em que a cor intervém como seu determinante ou componente. Uma modalidade de codificação decorrente da presença da cor nos três últimos cartões, mas em que ela não está directamente presente, traduz-se, em termos da escola americana, pela variável Quociente Afectivo (*Afi*) ou, em termos da escola francesa, que, aliás, a recebeu de Klopfer, pela variável Percentagem de Respostas dadas àqueles cartões (*RC%*). Trata-se de uma variável ausente do *Psicodiagnóstico* de Rorschach e de outros sistemas, como

os de Bohm e Rapaport, mas adoptada por autores como Beck, Klopfer, Anzieu e Exner, para referir alguns dos nomes mais destacados.

O tema da cor, ligada à produção de respostas ao Rorschach, de que trata este estudo, tem a sua origem numa pergunta formulada por Exner, há alguns anos atrás, respeitante ao frequentemente observado maior número de respostas ao Cartão X, atribuído por Mary Ainsworth e Bruno Klopfer à inerente “facilitação de respostas *D*” (1954, p. 297) : dever-se-á esse maior número de respostas à estrutura dividida do Cartão ou ao facto de ele ser colorido? Trata-se de uma questão que

tem o seu quê de intrigante, pois quem conhece o Cartão X, terá dificuldade em supor de maneira diferente da acima proposta, já que se trata do Cartão cuja mancha aparenta ser a mais dividida e fragmentada de entre as dez. Este aspecto acha-se outrossim bem salientado por Rausch de Traubenberg, que escreve no seu livro *La Pratique du Rorschach* : “Esta percentagem elevada –refere-se à percentagem das respostas dadas aos cartões coloridos– pode, no entanto, ser invalidada se for constituída principalmente por respostas ao Cartão X, *que se presta à subdivisão e à análise*, (sublinhado nosso) dada a sua estrutura formal e espacial, e não apenas à presença da cor” (1970, p. 122). Exner, porém, encontrava-se em condições particulares para formular a questão, pois, com os seus trabalhos de 1959 e 1962, fora quem demonstrara que a cor tem como efeito, no Rorschach, o aumento da produção de respostas, algo ainda desconhecido de Klopfer e Ainsworth.

Tendo em vista obter a resposta à referida pergunta, iniciou-se o planeamento da execução do estudo. Decidiu-se aplicar os dez cartões do Rorschach a dois grupos de 40 sujeitos de ambos os sexos, um de jovens adultos, com idades entre os 18 e os 20 anos, e um de crianças com idades de 9/10 anos. A cada metade de ambos os grupos seria aplicada a versão estandardizada e uma versão acromática do Rorschach, aplicação a cargo de quatro examinadores, devidamente

treinados para o efeito e sem conhecimento do objectivo do estudo, cabendo a cada um cinco sujeitos de cada sexo e igual número de cada versão. Relativamente à proposta de Exner, a novidade deste primeiro estudo foi a da consideração de uma amostra de crianças, já que todos os estudos anteriores haviam sido feitos apenas com amostras de adultos

Os resultados obtidos permitiram confirmar, com o grupo de jovens adultos, a hipótese de Exner, isto é, que é a cor que determina a ocorrência de maior número de respostas no Cartão X e não a sua característica de mancha dividida, já que o número de respostas dadas à versão cromática deste Cartão foi significativamente maior do que o de respostas dadas à versão acromática (Silva, 2002).

O mesmo não aconteceu com a amostra de crianças. Com efeito, os resultados do estudo com as crianças revelaram que a cor não tem qualquer efeito na produção de respostas, pelo menos com este grupo de 9/10 anos (Silva, 2002). Este foi um resultado surpreendente, pois, de forma geral, considera-se que a cor constitui um elemento atractivo para a criança, aspecto que, de resto, se encontra amplamente testemunhado sob as mais diversas formas.

Mas, para além da causa desta reacção por parte das crianças, outras perguntas se levantaram. Os diversos sistemas do Rorschach aceitam a ligação, ainda não cientificamente esclarecida,

entre cor e afecto ou emoção. Passa-se com esta ligação algo de semelhante com o que se verifica também nos instrumentos aperceptivo-temáticos de avaliação da personalidade, de Murray e outros, ou da motivação, na linha dos estudos de MacClelland e Atkinson. Com efeito, neste caso, verifica-se que, ao contarem uma história sobre um Quadro que lhes é proposto, os examinandos revelam aspectos importantes, não apenas da dinâmica da sua personalidade, mas também da sua estrutura. Aqui, falta também demonstrar cientificamente como é que a percepção veicula aspectos da personalidade do indivíduo.

Partindo, pois, do significado afectivo veiculado pelas respostas cor no Rorschach, uma primeira questão que se me levantou foi a de saber se, numa idade mais jovem, de 4/5 anos, por exemplo, idade em que o afecto ou emoção envolvem, por assim dizer, a quase totalidade do comportamento infantil, como seu principal determinante, a cor não teria efeito de aumento na produção de respostas. A segunda questão dizia respeito ao período etário ou ano em que se operava a mudança, isto é, em que idade a cor adquire essa propriedade de determinar um aumento da produção de respostas.

Proseguiu-se, então, o estudo, observando a mesma metodologia, com a aplicação das duas versões do Rorschach a dois novos grupos de crianças: um com 40 crianças de ambos os sexos, com idades entre os 5 e os 6 anos, e outro com idêntica cons-

tituição mas com idades entre os 11 e os 12 anos.

Os resultados obtidos com as crianças de 5/6 anos, não permitem diferenciar, de forma significativa, a produção obtida com as versões cromática e acromática. Nem os cartões, nem o seu carácter cromático ou acromático, nem o sexo das crianças determinaram qualquer diferença significativa na produção de respostas. Apenas se pode notar, como confirmação do pressuposto inicial, que a produção de respostas nos 5/6 anos é mais elevada do que a obtida nos grupos de 9 e 11 anos subsequentes (ver Figura 1).

No que respeita aos resultados obtidos com o grupo de 11/12 anos, verifica-se, com esta amostra, que o número de respostas dadas ao Cartão X é significativamente maior do que o dado aos outros dois cartões, que as meninas dão significativamente mais respostas do que os meninos e que a diferença referente ao maior número de respostas no Cartão X é da responsabilidade das meninas. Os resultados mostram, pois, que o carácter cromático ou acromático dos cartões não é determinante do aumento do número de respostas (Silva e Marques, 2008).

Um aspecto, no entanto, merece ser aqui destacado, o que se refere ao facto de que o efeito da cor na produção de respostas aos cartões coloridos do Rorschach, VIII, IX e X, tal como se expressa nos dados normativos, se traduz pela sua redução, um indicador de que a cor decresce em importância na

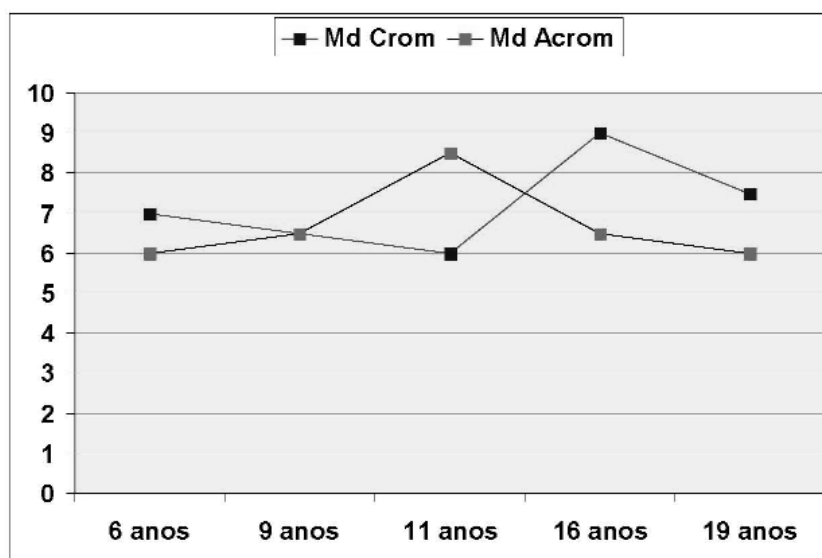
produção de respostas. Os nossos dados não permitem detectar este facto por estarmos a lidar com amostras muito pequenas de 20 indivíduos. Com efeito, dos quatro estudos efectuados, com amostras desta dimensão, este foi o único em que diferenças significativas entre número de respostas dadas se devem à variável sexo. Por outro lado, como se verificará mais adiante, regista-se uma ligeira tendência para um aumento do número de respostas dadas aos cartões, na sua versão acromática, a partir dos 6 anos e até aos 11. Este estudo acha-se publicado, em versão espanhola, na revista *Investigaciones en Psicología*, 2009, da Universidad de Buenos Aires (Silva, 2009).

O terceiro estudo, (Silva, 2009a) procura responder à segunda pergunta: em que idade se verifica a aquisição pela cor da propriedade de aumentar o número de respostas? O método de estudo foi em tudo idêntico ao usado nos anteriores. Os resultados obtidos mostraram, claramente, que, para cada um dos cartões VIII, IX e X, a versão cromática determina uma média de respostas significativamente maior do que a versão acromática. Ficou assim provado que é, aos 15/16 anos, que a cor adquire a propriedade de aumentar o número de respostas aos cartões co-

loridos do Rorschach. De igual modo, se confirma e valida o dado anteriormente já adquirido de que, no Cartão X, a cor é a principal responsável pelo aumento do número de respostas geralmente dado a este cartão, a partir da adolescência.

Apresenta-se, neste passo, um gráfico que mostra a evolução do número mediano de respostas dadas aos cartões VIII, IX e X, nas versões cromática e acromática, nos cinco grupos estudados (Figura 1). Como se pode observar, as medianas de respostas dadas aos cartões, na sua versão cromática (linha vermelha), nos três primeiros grupos etários, tendem a descer ligeiramente com a idade. Por sua vez as medianas de respostas aos cartões, na sua versão acromática, tendem a subir, atingindo, nos 11/12 anos uma diferença significativa que, como se assinalou antes, tem origem no maior número de respostas dadas pelas meninas ao Cartão X, não na variável em apreço. A partir dos 11 anos, observa-se um aumento do valor mediano das respostas dadas aos cartões na versão cromática, mais acentuado no grupo de 15/16 anos, plausivelmente em razão da maior dimensão da amostra, e uma descida acentuada do mesmo valor mediano de respostas dadas aos cartões, na sua versão acromática.

Figura 1. Medianas das respostas dadas aos cartões VIII, IX e X do Rorschach, na versão cromática e numa versão acromática, em cinco grupos etários de crianças e adolescentes de ambos os sexos (n=20+20 em todos os grupos excepto o de 16 anos – n=40+40)



O dado irrecusável da ausência de aumento da produção de respostas como efeito da presença da cor causou, na altura, reacções de surpresa e estranheza, já que, como se sabe, a cor se encontra muito associada ao período infantil, como meio de atrair a atenção, mobilizar o interesse, despertar prazer na criança. Houve apenas uma pessoa que reconheceu, nos primeiros resultados publicados, a confirmação de uma ideia pessoal, a de que a cor não tinha essa qualidade de aumentar a produção de respostas. Essa pessoa foi Rausch de Trautenberg que, como se sabe, tra-

balhou bastante o Rorschach com crianças. A sua convicção, porém, era correcta no que respeita às crianças mas não no que respeita aos adultos. Neste novo dado, surgia uma diferença mais, e importante diferença, entre a tendência ou modo de resposta da criança e o do adulto aos cartões coloridos do Rorschach. Nunca será demais destacar a diferença existente entre o Rorschach de crianças e o dos adultos, a qual parece ser bem mais invocada do que observada na prática.

De resto, as reacções de surpresa manifestadas pela quase totalidade dos colegas e especialistas a quem falava

do meu trabalho constituem um exemplo claro de que as nossas ideias feitas ou preconceitos nos impedem, muitas vezes, de ler a realidade. Com efeito, o conhecimento então disponível era já de molde a prever ou pelo menos a não estranhar a redução da produção de respostas aos cartões coloridos. Se tivémos presente que a soma das respostas a estes cartões corresponde ao dividendo do Quociente Afectivo ou do RC%, devemos ter presente que este valor decresce, segundo os dados normativos de Exner, entre os 5 e os 11 anos, de forma acentuada, com excepção dos 9 anos, e de forma mais suave e com a mesma excepção, nos dados normativas das crianças portuguesas dos 6 aos 10 anos. Estes são dados que ilustram claramente a redução da importância da cor na produção de respostas, importância essa que se revela máxima nos 5/6 anos e mínima nos 11.

Por outro lado, se tomarmos em consideração o constructo subjacente a esta variável e o componente afectivo-emocional que lhe está associado, também não seria de estranhar a redução da produção de respostas encontrada, tanto quanto a entrada neste período de aquisição e desenvolvimento do pensamento lógico e da razão é reconhecidamente acompanhado de uma menor expressão das emoções e afectos ou de um quase silenciamento destes.

A pergunta levanta-se, agora, sem mais delonga: por que razão a cor parece ter um efeito inibitório ou difi-

cultar o débito de respostas a partir dos 6 anos e até aos 11

Um primeiro dado que parece pertinente apontar, desde já, dado que se relaciona com o fenómeno da ligação entre cor e afecto, é o da descida do número de respostas dadas aos cartões coloridos a partir dos 6 anos, como o gráfico mostra (Figura 1). Ele significa que, nos seis anos, a presença da dimensão afectiva é mais acusada do que nos anos subsequentes, o que se acompanha com os dados da psicologia do desenvolvimento. Isto é tanto mais assim quanto a redução desse número se acompanha do aumento do valor de *R*, número total de respostas por protocolo. Ora, se o valor de *R* aumenta e o número de respostas aos cartões coloridos diminui, segue-se que o número de respostas dadas aos cartões, na sua versão acromática, aumenta.

Estas cogitações indicam que não será simples encontrar uma resposta para a pergunta formulada. Deparamos, desde logo, com duas faces do problema que requerem uma reflexão sobre, por um lado, o papel da cor no processo perceptivo que assiste ao acto de dar a resposta, e, por outro, o papel da presença do afecto no processo cognitivo que assiste à resposta. Ocupar-nos-emos, aqui, primordialmente, do papel da cor no processo perceptivo

Para melhor contextualizar o tema que nos interessa, começaremos pela indicação de alguns elementos relacionados com a percepção da cor, naqueles aspectos que interessam às

respostas ao Rorschach. A cor aparece como uma das propriedades de cinco dos dez cartões do Rorschach: como vermelho, nos Cartões II e III, frequentemente designados de cartões vermelhos, e de modo multicromático ou em cores pastel, nos Cartões VIII, IX e X, geralmente designados de cartões coloridos. Numa perspectiva desenvolvimental, a cor parece constituir uma qualidade estimular que, por assim dizer, se impõe ao sujeito de forma irresistível o que origina a ideia de que este é atraído por ela, o que não será rigorosamente exacto, como iremos ver. Nos Manuais do Rorschach das últimas décadas, fala-se pouco do papel, significado e importância da cor na percepção o que, em certa medida, se explica pela raridade de estudos do Rorschach com crianças. Penso que a posição assumida por Exner em relação ao uso do Rorschach com crianças, segundo a qual este método não se revela adequado ou produtivo em resultados, antes dos 8/9 anos² pode ter contribuído para essa falta, embora, curiosamente, se disponha, pela primeira vez, depois dos antigos estudos de Ames, datados da década de cinquenta (1961), ou dos de Beizman, de 1961, de dados normativos do Rorschach para crianças e adolescentes dos 5 aos 16 anos, graças à publicação

do terceiro volume do *Comprehensive System*, de Exner e Weiner, em 1982, reeditado em 1995. A verdade, porém, é que este terceiro volume do Sistema Integrativo do Rorschach, se mostra, em minha opinião, muito pobre no que toca à caracterização do Rorschach da criança e do adolescente, constituindo, por assim dizer, para além da apresentação dos dados normativos, uma mostra da aplicação do novo sistema interpretativo aos protocolos àqueles grupos etários. Tanto quanto é do meu conhecimento, o livro mais interessante publicado, neste âmbito do Rorschach de crianças, foi o de Leichtman, em 1996, *The Rorschach A Developmental Perspective*.

Por esta razão, recorreu-se a uma nova leitura dos trabalhos clássicos que nos permitem uma compreensão satisfatória da percepção da cor. Estes estudos dizem-nos que, desde bebês, as crianças reagem à cor. Trata-se de algo que todos conhecemos e aí reside a razão por que todos os objectos ao seu serviço são coloridos: os brinquedos, as roupas, as saboneteiras, as escovas, etc., etc., cores suaves, é claro, para não ferir, não irritar.

Ora, o que parece estar em jogo, nessas idades, não é uma atracção pela cor mas uma reacção irresistível que advém das características do estímulo,

² Nenhum dos casos apresentados por Exner e Weiner, no 3º Volume de *The Rorschach: A Comprehensive System*, refere uma idade inferior a 8 anos.

a luz. O sistema nervoso não se encontra ainda devidamente amadurecido para poder reagir de outro modo a esse estímulo. Acresce que as crianças reagem tanto mais intensamente à cor quanto mais brilhantes ou menos saturadas forem estas. São muitos os estudos que mostram que, nas primeiras idades, as crianças tendem a identificar os objectos primariamente pela cor. Meili-Dvoretzki (1956) refere que, até aos 6/7 anos, diante de figuras geométricas, desprovidas de significado, e destinadas a ser classificadas, o critério dominante de classificação é a cor. Mas nota, em seguida, que, se o material para classificação tiver significado próprio que a criança reconheça, então já não será a cor mas a forma que é adoptada como critério, critério este que é adoptado já aos 3/4 anos. É o que acontece com o bebé que reconhece bem o biberão pela sua forma, muito embora, perante estímulos coloridos ou luminosos, desprovidos de significado, reaja intensamente. Pode, pois, registar-se que, até aos três anos, e em termos de Rorschach, o interesse pela cor será reduzido, dado o nulo significado das manchas de tinta coloridas para a criança.

A partir dos três anos, começam a aparecer as respostas com determinante cor, registando-se, por um lado, as respostas de nomeação da cor e, por outro, as respostas de Cor sem forma (C Puro). Meili-Dvoretzki observa, no entanto, que nem todos os C Puros são da mesma natureza. Nos 3/5

anos, acontece, por vezes, que o efeito da cor determina que a criança associe a um qualquer objecto, como na resposta de “um sol azul”, podendo, no entanto, esse objecto ter, eventualmente, a sua cor específica. “Este padrão de C não especificado, escreve, mostra o modo esquemático de formação de conceitos, em que uma qualidade ou uma parte do objecto serve como critério para o conceito total. A criança aqui não apenas ignora a forma mas também a cor específica, razão por que este C é mais primitivo do que o C Puro usual, que se caracteriza apenas pela ausência de consideração da forma” (1956). Quer no caso da nomeação da cor, quer neste último caso de uso da cor de maneira não especificada, difícil de identificar sempre que a cor indicada coincidir com a do objecto referido, estamos perante respostas que, no caso de ocorrerem em idades mais avançadas, denunciam deficiência ou deterioração intelectual ou manifestações claras de perturbação do pensamento. Segundo Meili-Dvoretzki, estas respostas de C Puro não específicas desaparecem aos 6 anos.

No âmbito das perturbações do pensamento, regista-se de novo a importância da cor como determinante de resposta, designadamente em tarefas de classificação ou agrupamento de objectos, face à qual os sujeitos não conseguem distanciar-se dos estímulos, adoptando uma atitude demasiado próxima e concreta, diante

deles, e cedendo conseqüentemente, ao apelo irresistível da cor, com ausência total ou manifestamente secundária do componente conceptual. Perante a realidade dos resultados encontrados nos estudos de perturbação do pensamento, os autores salientam dois aspectos importantes: o primeiro traduz-se no facto de que, na presença de desorganização do pensamento, a cor assume um impacto acrescido; o segundo decorre deste e revela que tais resultados põem em evidência um comportamento passivo face ao estímulo visual, ligado à proeminência do elemento cor.

Há ainda um outro fenómeno que mostra de forma incontornável qual seja o papel da cor na percepção da realidade exterior e qual a sua evolução ao longo do desenvolvimento. Num capítulo essencial para a compreensão perceptiva da resposta cor, publicado na obra editada por Rickers-Ovsiankina, *Rorschach Psychology* (1977), David Shapiro debruça-se sobre a questão da percepção da cor em nados cegos. Eis o que este autor começa por referir a este respeito: “Nas primeiras experiências visuais destas pessoas anteriormente cegas, há uma notável deficiência na visão da forma. Não só existe uma incapacidade inicial de reconhecimento das formas (com base na transferência antecipada a partir da familiaridade não visual anterior), que não seria tão surpreendente assim para nós, mas existe também uma extraordinária dificuldade

nesta fase inicial em *aprender* a identificar formas ou em aprender a *ver* formas de qualquer grau de complexidade” (Shapiro, 1977). Em oposição a esta grande dificuldade na construção perceptiva da forma, o reconhecimento da cor é quase imediato. Os sujeitos sentem-se subjugados pela grande quantidade e variedade de impressões visuais que recebem, “as mais brutas e difusas sensações de luz e de cor, movimento, figura e fundo. As sensações são muitas vezes de uma nitidez e brilho invulgares, com frequência realmente dolorosas...” (Shapiro, 1977). Por conseguinte o processo que leva à percepção comum dos objectos é complexo, lento e mesmo doloroso. A este respeito, vale a pena citar ainda Shapiro: “Durante este mesmo período crítico, no decurso dos esforços do paciente no sentido de uma orientação visual adequada, observa-se que as identificações do objecto tendem muitas vezes a começar por fazer-se com base na cor. Parece haver, por outras palavras, um desenvolvimento que muito provavelmente compreende diversas fases sobrepostas, desde a identificação dos objectos com base nos seus aspectos visuais mais brutos e salientes até a uma identificação perceptiva em termos fundamentalmente de qualidades formais abstractas.” (Shapiro, 1977).

Todos os estudos a que se acaba de aludir permitem distinguir claramente dois tipos de vivência visual, uma passiva e imediata, outra activa de construção da forma. Em termos de Rorschach, esta experiência visual da

cor manifesta-se de diversas maneiras, as mais reconhecidas das quais são a nomeação da cor, com o código *Cn*, a cor pura, *C*, a cor e secundariamente a forma, *CF*, e a forma seguida da cor, *FC*. Não é este o momento para nos determos sobre o significado

destes códigos, bastando apenas dizer que eles correspondem, na perspectiva desenvolvimentista, ao percurso que leva dum período em que a cor coage e constringe a um outro em que contribui para a delimitação e enriquecimento da forma.

Quadro 1. Médias dos determinantes Cor nos dados normativos de crianças portuguesas com idades dos 6 aos 10 anos (N=357)

Determinantes	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
<i>FC</i>	1,08	1,19	1,11	1,27	1,34
<i>CF</i>	1,27	0,99	0,96	1,23	1,10
<i>C</i>	0,63	0,58	0,33	0,39	0,10
<i>Cn</i>	0,04	0,00	0,01	0,00	0,00

Por outro lado, é pertinente ainda registar que a importância ou o destaque da cor tende a diminuir a partir dos seis anos, como se pode observar geralmente e concretamente nos dados normativos de crianças portuguesas entre os 6 e os 10 anos (Silva e Dias, 2007). O Quadro nº 1 mostra como as médias dos determinantes em que predomina a cor, designadamente *C* e *CF* decrescem, pouco a pouco entre as idades extremas, com excepção dos 9 anos, um dado que se repete nas normas norte-americanas de Exner e Weiner e cuja explicação não tive ainda oportunidade de estudar. Por sua vez, as médias de *FC* tendem a subir progressivamente.

Após esta digressão à volta da cor como componente sensorial e perceptivo do estímulo e determinante nas

respostas ao Rorschach, voltemos à pergunta antes formulada: por que razão a cor parece ter um efeito inibitório ou dificultar o débito de respostas a partir dos 6 e até aos 11 anos? Estamos, agora, em melhores condições para reflectir sobre este assunto. Mantendo-nos no campo meramente perceptivo, parece claro que qualquer resposta ao Rorschach cai dentro daquilo que, nos Manuais actuais de Psicologia, se designa de resolução de problemas perceptivos. Num desses Manuais, temos uma Figura, com a legenda *Enigmas Perceptivos*, com a seguinte pergunta: "Quais os objectos aqui representados?" (Gleitman, 2003, p.316). No texto, o autor refere como a resposta a esta pergunta passa por uma sequência de operações que correspondem às diferentes fases da

solução de um problema. Munido das expectativas próprias, da experiência e conhecimento anteriores, o sujeito elabora uma hipótese de resposta que procura testar, repetindo estas operações até encontrar a resposta satisfatória. Não se procede de outra forma ao responder à questão primeira do Rorschach: *O que poderia ser isto?*

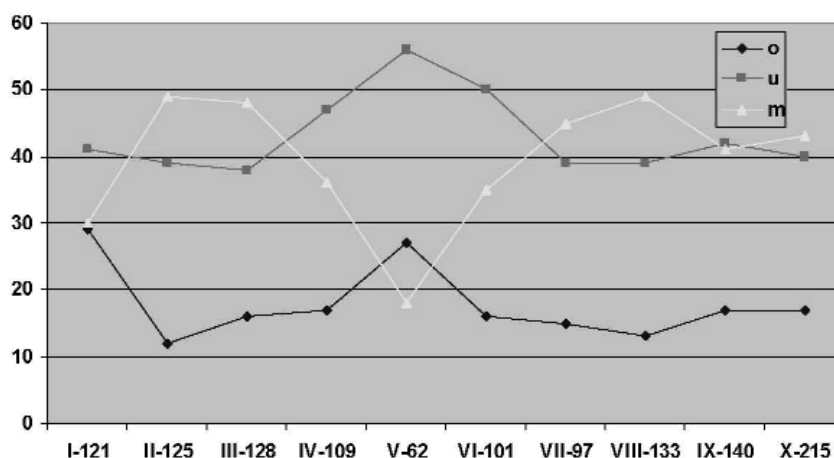
Dentro desta perspectiva e retomando alguns dados do que ficou dito, designadamente a propriedade por assim dizer antagónica, presente na situação estímulo, entre as exigências do componente cor, que requerem imediação de reacção, e as implicadas na pergunta antes citada, que implicam uma busca e uma aplicação atenta e concentrada do sujeito sobre as manchas, encontramos aqui uma eventual causa da redução de respostas, neste período etário. Com efeito, as crianças perante uma situação de solução de problemas, em que concorrem solicitações opostas, terão maior dificuldade em responder, quer em quantidade quer em qualidade. Atente-se a que o acesso às operações concretas e ao pensamento lógico impede a criança de reagir à cor como reagira até então, apontando as manchas coloridas, designando-as pelo nome ou associando-lhes objectos cuja cor não é a natural. O novo instrumento mental com que encara e aborda a realidade impõe-lhe exigências que ela reconhece e sabe que não pode iludir. Ela, no entanto, não se encontra ainda devidamente equipada para poder enfrentar a

cor sem dificuldade, sobretudo na situação problemática de encontrar uma resposta ajustada ao que lhe é pedido. Assim se compreende a observação de Meili Dworetzki, ao indicar, entre várias formas de reacção à cor, no Rorschach, a da “Rejeição de cartões coloridos por causa da irritação da cor” (Meili Dworetzki, 1956), a partir dos 8 anos.

Pode, pois, considerar-se como adequada a ideia de que a cor, numa perspectiva perceptiva, se apresenta, neste estágio das operações concretas, como um elemento gerador de dificuldade em satisfazer de forma ajustada a solicitação presente nas instruções do Rorschach, aspecto que pode determinar, nas crianças, a redução da produção de respostas aos cartões coloridos.

Um dado que parece poder reforçar esta hipótese de resposta tem a ver com a qualidade formal das respostas, tal como se apresenta no estudo das normas portuguesas. Embora não se disponha, ainda, da contagem de tais respostas por cartão, dispomos do gráfico que representa a percentagem de entradas, em cada Cartão, segundo a respectiva Qualidade Formal, e respeitante a todas as respostas que constituem o Quadro de referência para a codificação da Qualidade Formal das respostas ao Rorschach, em crianças portuguesas dos 6 aos 10 anos (Silva, 2009, não publicado). Este gráfico proporciona-nos uma aproximação objectiva da frequência de cada nível de QF (Silva e Dias, 2007).

Figura 2. Gráfico das percentagens aproximadas do número de entradas, em cada cartão do Rorschach, codificadas com Qualidade Formal *o*, *u* e *m*, na amostra total de crianças portuguesas de ambos os sexos dos 6 aos 10 anos de idade.



Ao olharmos para o gráfico (Figura 2), começamos por verificar que a menor percentagem de entradas em cada Cartão diz respeito à Qualidade Formal Ordinária ou comum – *o*. Anote-se, no entanto, que estas entradas correspondem ao maior número de respostas dadas, já que as respostas QF_o correspondem aos perceptos mais frequentemente indicados. Se olharmos, agora, para a linha que representa as percentagens de entradas classificadas em QF^- , vemos que as mais elevadas, isto é, os cartões onde são mais frequentes estes perceptos são, por ordem decrescente, os Cartões II e III, cartões vermelhos, e os cartões VIII, VII, X e IX. Temos, pois, que, de entre os seis

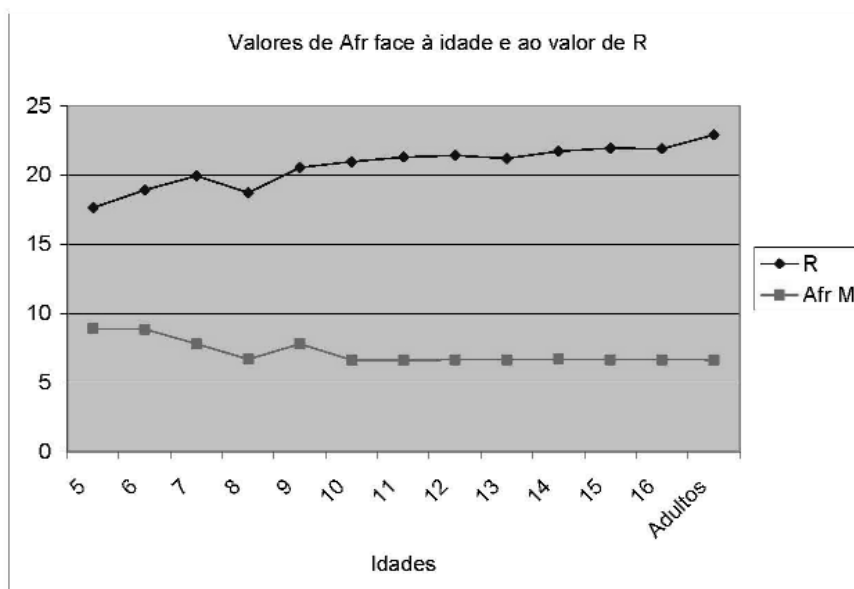
cartões com percentagens mais elevadas de entradas QF^- , entre os 40 e os 50%, cinco contêm cor. Acresce que os valores de F^- que ocorrem nos cartões II e III, aqueles que contêm vermelho, a cor mais saturada, contam-se entre os três que alcançam níveis mais elevados de distorção perceptiva. Embora não se possa, a partir destes dados, afirmar categoricamente que a cor é responsável, neste período etário, do maior número de respostas de Qualidade Formal má, pois em cada cartão e para cada indivíduo existem múltiplas causas de insucesso perceptivo, estes dados, no âmbito da temática que nos ocupa, assumem particular importância e constituem um indício consistente.

Será este padrão de QF – característico deste período etário, 6-10 anos? Não nos é possível dar uma resposta a esta questão, pois não temos conhecimento de algum estudo neste particular. Considero, no entanto, que seria interessante ensaiar a sua validação.

Um último dado que nos parece reforçar a nossa observação relativa à cor como possível factor gerador de dificuldade na produção de respostas reside no facto de que a redução do valor médio do Quociente Afectivo (Afr) ao longo deste período etário não se repercute nas médias de R correspondentes. A Figura nº 3 ilustra este facto. O gráfi-

co aí reproduzido mostra como evoluem as médias de R e as de Afr ao longo dos anos, desde os 5 aos 16 anos, de acordo com os dados normativos de Exner e Weiner (1995). Uma observação atenta permite verificar que, enquanto as médias de R aumentam pouco a pouco, as médias de Afr decrescem também pouco a pouco. Este dado, permite-nos pensar que o aumento do número de respostas se dá, fundamentalmente, nos cartões acromáticos, sugerindo que estes facilitam a operação de solução de problemas por que se define a operação de dar uma resposta aos cartões do Rorschach.

Figura 3. Curvas dos valores médios das variáveis Quociente Afectivo (Afr) e de número de respostas (R) ao Rorschach dos cinco anos à idade adulta (extraído de Exner 2003)



O mesmo se pode verificar com os dados normativos das crianças portuguesas se bem que não de forma tão clara como nos das crianças americanas. Gostaria de chamar a atenção para o aspecto da linha dos valores de *Afr* nas amostras americanas. Eles descem a partir dos 5/6 anos, com valores de 0,88 e 0,87, até aos 11 anos, com um valor de 0,62, subindo a partir daí e oscilando entre 0,65 e 0,69 até aos 16 anos. Na realidade, a curva inicialmente projectada (Figura 1), indicando os valores medianos obtidos com os cartões cromáticos nos cinco estudos realizados, encontra-se de algum modo validada pelos dados normativos apurados.

No termo deste estudo e na sequência das análises e reflexões efectuadas, numa perspectiva eminentemente perceptiva, cremos estar em condições de afirmar que o fenómeno da redução da produção de respostas, decorrente da presença da cor nos cartões coloridos, um fenómeno que a muitos surpreendeu dado o contexto sócio-cultural em que ocorre, se explica pela propriedade do estímulo cor que representa, para a criança jovem, um tal grau de intensidade que a constrange a uma reacção imediata, não passível de dilação, particularmente face a estímulos destituídos de significado, como é o caso das manchas de tinta do Rorschach. Apenas com a entrada no estádio das operações concretas ou do desenvolvimento do pensamento lógico, a criança começa

a adquirir, progressivamente, os meios de encarar e lidar com as exigências dos estímulos, designadamente mediante a sua evitação. Com a entrada no estádio das operações abstractas, os recursos desenvolvem-se em todos os sectores da actividade mental, afectiva, motivacional, social, volitiva, etc., a intensidade estimular da cor vai sendo modulada e acaba por adquirir o respectivo potencial de realce que confere ao mundo perceptivo. Talvez se possa dizer que, com a aquisição da dimensão simbólica, que a torna veículo da expressão do componente afectivo-emocional, a cor se torne representativa deste outro factor de recurso.

Disse-se já que a cor, no Rorschach, encontra-se ligada ao afecto, é símbolo do afecto e da emoção e indicador do lugar e intensidade destes na vida do indivíduo. No presente contexto, levanta-se a questão de se a cor assume esse mesmo significado no Rorschach da criança. A este propósito voltamos a citar Rausch de Traubenberg que, depois de declarar abster-se de falar das relações cor e afecto na criança e de se recusar aplicar-lhe o modelo de funcionamento mental do adulto, escreve com Boizou, sobre o modo como irão abordar as respostas cor: “Falaremos das respostas cor, do seu significado e valor interpretativo segundo diversos eixos: interesse qualitativo, atracção subjectiva ou elaboração de representações, diferentes tipos de elaboração,

carácter vivido da tonalidade emocional provocada ou carácter neutro das reacções, qualidade expressiva ou defensiva dos comportamentos assumidos ou das atitudes qualitativas. Distinguir-se-ão as reacções face ao aparecimento do vermelho vivo, face ao aparecimento das cores pastel e as que implicam o cinzento

e o branco” (1977, pp. 46-47). Esta posição considera, afinal, o efeito da cor no protocolo de cada criança e renuncia a uma interpretação de um só sentido, atitude que está em consonância com a diversidade de reacções que podem decorrer da natureza do estímulo cor, no período etário que nos ocupa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D., Klopfer, B. (1954): Quantitative Analysis. In Klopfer, B., Ainsworth, M. D., Klopfer, W. G., Holt, R. R. *Developments in the Rorschach Technique Volume I Technique and Theory*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., pp. 249- 316.
- Ames, L. B. y otros (1961) *El Rorschach Infantil*. Buenos Aires, Editorial Paidós.
- Beizman, C. (1961) *Le Rorschach chez l'enfant de 3 à 10 ans*. Paris, Delachaux et Niestlé.
- Exner, J. E. (1959): The influence of chromatic and achromatic colour in the Rorschach. *Journal of Projective Techniques*, 23, 418-425.
- Exner, J. E. (1962): The Effect of Colour on Productivity in Cards VIII, IX, X of the Rorschach. *Journal of Projective Techniques*, 26, 30-33.
- Exner, J. E., Weiner, I. B. (1995): *The Rorschach: A Comprehensive System Volume 3: Assessment of Children and Adolescents*, 2nd edition. New York: John Wiley & Sons.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., Reisberg, D. (2003) *Psicologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leichtman, M. (1996) *The Rorschach A Developmental Perspective*. Hillsdale, The Analytic Press.
- Meili-Dvoretzki, G. (1956) The development of Perception in the Rorschach. In Bruno Klopfer (Ed.) *Developments in the Rorschach Technique, Volume II Fields of Application*. New York, Harcourt Brace & World, Inc., pp. 101-176.
- Rausch de Traubenberg, N. (1970) *La Pratique du Rorschach*. Paris, P. U. F.
- Rausch de Traubenberg, N., Boizou, M,-F. (1977): *Le Rorschach en Clinique Infantile L'Imaginaire et le Réel chez l'Enfant*. Paris: Dunod.

- Shapiro, D. (1960): A Perceptual Understanding of Color Response. In M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.) *Rorschach Psychology*, pp. 154-201. New York, Robert E. Krieger Publishing Company, pp. 251-301.
- Silva, D. R. (2002): The effect of colour on productivity of Card X of the Rorschach. *Rorschachiana*, 25, 123-135.
- Silva, D. R. & Dias, A. M. (2007) A propósito de la elaboración de una Tabla de Calidad Formal del Rorschach de niños portugueses. *Revista de la Sociedad Española de Rorschach y Métodos Proyectivos*, 20, 34-38
- Silva, D. R. and Dias, A. M. (2007) Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 357 Portuguese Children at Five Ages. *Journal of Personality Assessment*, 89 (S1), S131-S141.
- Silva, D. R. & Marques, L. G. (2008) A cor e o efeito inibitório de respostas no Rorschach de crianças. *Psychologica*, 48, 5-24.
- Silva, D. R. (2009) Consideraciones sobre la evolución de la variable Proporción Afectiva del Rorschach entre los 5 y 16 años. *Investigaciones Psicológicas*, 14, (1), 103-113.
- Silva, D. R. (2009a) Assessment of the effect of color on the production of responses to the Rorschach Inkblot Method in a group of adolescents. Paper presented in IXth ERA Congress, Czech Society for Rorschach, 27-30 August, Prague.

